

# A INFÂNCIA SEGUNDO “O PEQUENO PRÍNCIPE”

Maria Fernanda G. CASTAGNARO<sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup>. Especialista Isabella NATAL

## RESUMO

*Este trabalho traz algumas considerações a respeito das aproximações possíveis entre a obra “O pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, e as representações da infância, dentro e fora de sala de aula, envolvendo sua percepção sobre a figura do adulto e sua relação com os docentes. O desenvolvimento do trabalho procura refletir sobre o modo como a criança enxerga o mundo. Mostraremos a importância da percepção e análise de cada atitude da criança, e como essas atitudes refletem diretamente em seu desenvolvimento. O presente artigo apresentará a importância do ato da leitura.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Desenvolvimento Infantil; Literatura Infantil; Leitura; Educação.*

### 1. Introdução

O pequeno Príncipe foi escrito em 1943 e é uma das obras atemporais de grande procura na atualidade. Muito se diz acerca dos personagens e dos sentidos que se “escondem” por trás da obra.

Em uma primeira análise, percebe-se que há personagens que marcam a trama e nos mostram situações semelhantes à vida das crianças e dos adultos que perderam algum tipo de paixão pela vida. Como exemplo, Antoine de Saint-Exupéry apresenta a volúvel flor que, assim como as crianças, é frágil e ingênua e necessita de carinho e alguém que lhe transmita segurança. “As flores são fracas. São muito ingênuas. Agarram-se ao que podem para se sentirem seguras. Pensam que todos têm medo delas por causa dos espinhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 20). Em outros capítulos, encontramos outros personagens que nos chamam a atenção, como o rei, com seu modo autoritário e sua forma de agir nas atividades cotidianas; o vaidoso que carece de elogios o tempo todo, não prestando atenção nas coisas ao

---

<sup>1</sup>G. CASTAGNARO, Maria Fernanda. Estudante de Licenciatura de Pedagogia no FIRA Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Avaré-SP, 2018, e-mail: mariafernandacastagnaro@hotmail.com

seu redor, senão na própria afirmação de seu ego; o bêbado, representando aquele que comete diversos erros e, quando surge a necessidade de revertê-los, acaba por cometer outro erro a fim de justificá-lo; há também o homem de negócios, mostrando-nos toda ganância e a busca incessante por querer sempre mais do que se pode ter; o acendedor de lampião, uma pessoa apática, que simplesmente não questiona suas ações, ainda que tal atitude acalente seu cansaço físico e mental; o geógrafo, que se considera importante demais para ouvir as opiniões alheias, considerando apenas suas próprias ideias como verídicas. Saint-Exupéry dividiu em diferentes personagens tudo aquilo que se associa ao ser humano. “A terra não é um planeta qualquer. Tem cento e onze reis (contando, claro, os reis africanos), sete milhões e meio de bêbados, trezentos e onze milhões de vaidosos, ou seja, aproximadamente dois bilhões de pessoas grandes” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p.41).

A literatura infantil é um objeto de suma importância na construção do conhecimento, além da atividade cognitiva prazerosa que ela propõe ao leitor. Como fonte de conhecimento, a leitura permite à criança, ludicamente, experimentar vivências e conhecer novas realidades; como fonte de prazer, entretém a criança com o trabalho lúdico da linguagem literária.

A criança que possui um contato direto ou indireto com a leitura tem mais facilidade para aprender e para interagir com a sociedade, por isso a importância de se despertar o gosto pela leitura desde a Educação Infantil. A leitura, segundo Infante (2000, p. 57), “é o meio que dispomos para adquirir informações e devolver reflexões críticas sobre a realidade”.

A literatura infantil é repleta de elementos lúdicos, ou seja, conecta-se com o mundo dos sonhos, que é popularmente chamado de “faz de conta”. Inicialmente, para a criança, a leitura é um brinquedo, e é na presença de um adulto que serão descobertos os diversos sentidos que um livro pode proporcionar (além do brincar).

Mas os brinquedos possuem outras características, de modo especial a de ser objeto portador de significados rapidamente identificados: ele remete a elementos legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura como o conjunto de significações que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGÈRE, 1997, p. 8).

Nesse comparativo do livro como “brinquedo”, entende-se que ambos ampliam a visão de mundo e estimula a criatividade das crianças, indo além do conceito que elas já possuem da realidade. Basta impulsionar a imaginação infantil e deixá-las livres para que, por meio da diversão, conceituem os valores da vida.

## 2. A Concepção da Infância e sua Relação com a Sala de Aula

Jean Piaget, em sua obra "Seis estudos de Psicologia" (PIAGET, 1999), relata diferentes experiências em relação às formas de compreensão da inteligência infantil. O livro subdivide-se em partes, como exemplo, a que trata da psicologia infantil e o processo de desenvolvimento do pensamento, da linguagem e da afetividade.

A infância, segundo Piaget, é dividida em quatro estágios, no que se refere ao conhecimento e seu desenvolvimento. O primeiro é chamado de estágio sensório-motor, período que vai de zero a dois anos de idade. Para Piaget, os dois primeiros anos de vida da criança são essenciais, do ponto de vista do desenvolvimento; é a fase em que a criança constrói a ideia de que o universo tem uma objetividade própria, e que ela pode interagir com esses objetos possibilitando ações sobre eles. "Pode-se falar de período senso-motor, anterior à linguagem, onde ainda não existem nem operações propriamente ditas, nem lógica, mas onde as ações já se organizam segundo certas invariantes" (PIAGET, 1999, p. 104).

O segundo estágio, chamado por Piaget de pré-operatório, vai dos 2 aos 7 anos. Diz respeito à capacidade da criança de representação da realidade em seu próprio pensamento. A criança passa a organizar as representações, suas condutas afetivas e intelectuais, criando conceitos que lhe permitem julgar o que vê: maior e menor, certo e errado, bom e ruim etc. "Esta representação crescente consiste, em boa parte, numa interiorização progressiva das ações, executadas até este momento de maneira puramente material." (PIAGET, 1999, p.104)

Piaget denomina o terceiro estágio como Operatório Concreto, dos 8 aos 12 anos, em que a criança chega à constituição de uma lógica e de estruturas operatórias, chamadas "concretas", ou seja, as operações ainda estão ligadas à ação sobre os objetos e à manipulação efetiva que nesse estágio já pode ser revertido. "Por estarem próximas da ação, estas 'operações concretas' já se organizam em estruturas reversíveis" (PIAGET, 1999, p.106). Em vez de condutas impulsivas, egocêntricas, a criança passa a pensar antes de agir, refletindo sobre seus atos. Tais observações indicam que, entre os 8 aos 12 anos, novos sentimentos e padrões morais surgem, sobretudo direcionados à uma integração afetiva de forma íntegra.

No livro "O pequeno príncipe", há evidências desta terceira fase, quando o príncipe "abandona" sua rosa, assim como se sentira abandonado outras vezes. Ele se culpa pelo fato de ter julgado sua amada flor pelo que ela lhe dissera, quando contara uma mentirinha a fim de prender a atenção do príncipe e ele lhe vira as costas por achar que ela estava mentindo. O príncipe se arrepende e percebe que ele deveria ter julgado pelas atitudes da flor e não por suas palavras.

Não fui capaz de entender nada. Devia tê-la avaliado não pelas suas palavras, mas pelos seus atos. Ela perfumava-me e dava-me luz! Eu nunca devia ter fugido! Devia era ter sido capaz de perceber toda a ternura escondida naquelas suas pobres manhas. As flores são contraditórias! “Mas eu era novo demais para saber amar” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 24)

Por último, temos o quarto estágio, denominado por Piaget de Operatório Formal, por volta dos onze anos em diante, durante o qual a criança passa a realizar operações sobre hipóteses e sobre proposições. “O raciocínio hipotético-dedutivo torna-se possível, e, com ele, a constituição de uma lógica ‘formal’, quer dizer, aplicável a qualquer conteúdo” (PIAGET, 1999, p. 107). As operações lógicas passam a ser transpostas da manipulação concreta para a da ideia.

Nessa correlação entre o campo pedagógico e o livro de Saint-Exupéry, notamos atitudes semelhantes às que os professores têm em relação a seus alunos. A figura do rei, por exemplo, abrange a necessidade que o ser humano tem de ordenar regras, ainda que consideradas ilógicas, fazendo com que as pessoas sigam à risca, suprimindo sua própria necessidade de autoridade. É o que lemos no seguinte trecho da obra: “Só se pode exigir de uma pessoa o que essa pessoa pode dar. A autoridade baseia-se, antes de mais, no bom senso” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 29).

Para Freud, tal atitude ocorre devido a uma função da psiquê humana, denominada de “superego”, que nada mais é do que as representações sociais como uma forma de agir inconsciente herdada pelo ser humano, conforme nos explica Luckesi:

Elas expressam representações sociais inconscientes que temos sobre os conteúdos de que tratam. No entanto, os conteúdos do superego também produzem representações sociais, quase sempre com algum caráter moralista, impositivo, tais como: nosso modo herdado, imposto de fora, de nos relacionarmos com a autoridade. LUCKESI, 2002, p. 1)

O único personagem que aparenta agradar o Pequeno Príncipe foi um acendedor de lampião. Neste personagem o Príncipe encontra alguém que lhe parece semelhante, em relação às suas atitudes, pois ambos fazem o que fazem porque simplesmente lhe impuseram que tal trabalho deveria ser realizado daquela forma, sobre extremo cansaço, ainda que não fizesse o menor sentido.

- Tenho uma profissão terrível. Antes, ainda vá lá... Apagava o lampião de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...  
-Mas as instruções mudaram?  
-Não, não mudaram- disse o acendedor. - E é essa a minha desgraça! Imagina que, de ano para ano, o planeta gira cada vez mais depressa e as instruções nunca mudam”. (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 36)

Em sala de aula, fica evidente, muitas vezes, a função dos alunos: aprender os conteúdos de forma mecanizada, seguindo regras à risca, a fim de que se obtenham resultados positivos, ainda que sejam resultados de um processo somativo. Esquece-se que a criança está em constante processo de aprendizagem, e que seus objetivos ainda estão sendo construídos, respeitando o tempo que cada uma tem para aprender.

O professor passa a matéria, o aluno recebe e reproduz mecanicamente o que absorveu [...] Subestima-se a atividade mental dos alunos privando-os de desenvolverem suas potencialidades cognitivas, suas capacidades e habilidades, de forma a ganharem independência do pensamento. (LIBÂNEO, 2013, p. 83)

No capítulo XV, nota-se a semelhança entre o personagem Geógrafo e os professores que exercem apenas sua função dentro da sala de aula, não cedendo para outras atividades senão as que estão em sua posição. “Existe uma falta absoluta de exploradores, porque não é o geógrafo que tem que ir procurar cidades, rios, montanhas, mares, oceanos e desertos.” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 38).

Verificam-se também como características do autoritarismo, aqueles que apenas exigem e atribuem “notas” de acordo com o que lhes agrada, não levando em consideração aspectos essenciais para a aprendizagem plena do aluno, como as dimensões socioculturais, econômicas, etc.

O trabalho docente fica restrito às paredes da sala de aula, sem preocupação com a prática da vida cotidiana das crianças fora da escola (que influenciam poderosamente nas suas condições de aprendizagem) e sem voltar os olhos para o fato de que o ensino busca resultados para a vida prática, para o trabalho, para a vida na sociedade. (LIBÂNEO, 2013, p. 84)

Diferentemente das crianças, os adultos vivem buscando o concreto, sendo assim, só acreditam na veracidade de algo quando há um registro.

O geógrafo é importante demais para ficar passeando por aí. Nunca sai de seu gabinete. É onde recebe os exploradores. Faz perguntas para eles e toma nota do que eles dizem. E se um deles contar algo interessante, o geógrafo manda fazer uma investigação sobre a reputação do explorador. (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 38)

Essa representação do geógrafo pode ser associada a do professor que menospreza o conhecimento de mundo dos alunos, ignorando a realidade em que vivem.

Uma personagem de grande destaque é a Raposa, que fala ao Príncipe da importância de se cativar alguém, para que se torne especial em sua vida: “Por enquanto, para você, eu sou só uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se você me cativar, passamos a precisar um do outro” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 47). A relação professor-aluno é primordial para o processo de aprendizagem, visto que o professor deve ter um olhar mais atento a seus alunos

para que eles se sintam ativos dentro e fora da sala de aula, aumentando suas capacidades enquanto educandos, e seres sociais.

O professor olha para o aluno não como para alguém que um dia será uma pessoa, mas para quem já é uma pessoa. Não para alguém que um dia será cidadão, mas para quem já é cidadão. Não olha com desconfiança, mas pautado na convicção de que todos podem aprender e, mais do que isto, têm direito a aprender. (VASCONCELOS, 2018, p. 22)

Os seres humanos estão sempre ocupados com a mesmice do cotidiano que se esquecem da importância de se “cativar” alguém. É o que se pode extrair da seguinte passagem em que a raposa fala desse comodismo humano: “Só conhecemos as coisas que cativamos – disse a raposa. – Os humanos não têm mais tempo para conhecer nada. Compram as coisas já prontas, nas lojas. Mas como não tem lojas que vendam amigos, os homens não têm amigos.” (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 48)

Em outra parte da obra, lemos que “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”. (SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 50) Isso nos conduz à reflexão de que nunca é tarde para reaprender a viver, para resgatar a criança que ficara oculta dentro de si, a buscar objetivos e a resgatar situações que se apagaram com o tempo, tendo em vista que antes de se tornarem adultos, todos já foram crianças. “Deplora-se o estado de infância; não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança” (ROUSSEAU, 1979, p. 12).

Resgatando esta perspectiva, os adultos irão ajudar integralmente no desenvolvimento pleno da criança, para que a mesma consiga viver em sociedade, tornando-a capaz de enfrentar todas as barreiras encontradas no caminho, com garra e persistência, jamais se esquecendo de sua maior riqueza: a infância. “Não se pensa senão em conservar a criança; não basta; deve-se-lhe ensinar a conservar-se em sendo homem, a suportar os golpes da sorte”. (ROUSSEAU, 1979, p. 16)

## **2.1. A importância da leitura na vida do ser humano**

A leitura de um livro clássico proporciona a seus leitores diferentes reações, quando se está lendo pela primeira vez, na juventude pode ocorrer uma desatenção, ou até mesmo uma desvalorização da obra. Há fatores que indicam que cada vez que um livro é relido, uma nova perspectiva surge, um novo olhar, mais maduro que transforma a imaginação do leitor, tornando a leitura prazerosa e encantadora. “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem

uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições de apreciá-los.” (CALVINO, 2007, p. 10)

Quando realizamos a leitura para uma criança, sua curiosidade é despertada, visto que elas estão em um constante processo de construção de conhecimento. A leitura como hábito torna-se essencial em seu processo de desenvolvimento, principalmente por estimular a imaginação das crianças e sua capacidade de interpretar as questões cotidianas.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzira bons frutos. (CARVALHO, 1989, p. 21)

Ainda que obrigados a ler na fase escolar, se tornarão clássicos aqueles que serão lidos por amor, e a escola passa a servir como instrumento de “abertura” de caminhos. O ato da leitura é simbolicamente um “alimento” de conhecimentos para o leitor, pois sacia o interesse da descoberta do mundo. “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (MEIRELES, 1984, p. 32)

Assim como as vivências da infância marcam nossas memórias e contribuem com a definição de nossa personalidade, as leituras permitem à criança novas experiências que ocupam lugar especial em nossas lembranças e em nossa individualidade. “A natureza e intensidade dessas emoções podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva. Não apenas ele se lembrará até sua morte, desse primeiro encantamento.” (MEIRELES, 1984, p. 128)

No livro de Ana Maria Machado, diferentes autores, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Paulo Mendes, descrevem a lembrança da leitura de um livro clássico, na infância ou na adolescência, como algo que fica marcado na memória. De modo que é inegável a contribuição das leituras para o enriquecimento de nossa bagagem cultural e para a formação pessoal. “Prefiro chamar a atenção para o fato de que esses diferentes livros foram lidos cedo, na infância ou adolescência, e passaram a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi” (MACHADO, 2002, p. 11).

É através das histórias que passamos a conhecer melhor o “eu”, pois, deixamos a imaginação falar por si, principalmente na infância, fase lúdica em que o livro é um “brinquedo” explorando a mente da criança, fantasiando situações e as tornando admiráveis.

Enquanto adultos, devemos incentivar a leitura para as crianças, mas não obrigá-las a ler, pois dessa forma frustraremos as crianças como muitos de nós já nos frustramos um dia. “Obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura”. (MACHADO, 2002, p.14).

Ao se ler uma história, torna-se natural viajar por um mundo novo. No entanto, estabelecemos relações com personagens que muitas vezes soam semelhantes com as pessoas a vida real. Ler é um ato de explorar a diversidade, é viver a vida em um novo espaço, um novo tempo, é viver experiências e conduzi-las de forma que por serem fictícias, permitam o distanciamento da situação, e conseqüentemente ajuda a entender o real sentido de nossa existência.

Segundo Machado (2002, p. 20), há duas possíveis origens da palavra “clássico”; uma delas é a derivação de *classos*, um tipo de embarcação, uma nave para longas viagens. Outra, é que venha da palavra “classe”, que nos remete à ideia de sala de aula, complementando nossa ideia sobre a importância dos clássicos na escola.

Ler é como uma brincadeira, quando criança remete à ideia do faz-de-conta, quando se cresce, sonha. Nas palavras de Machado:

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido a infinalidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. (MACHADO, 2002, p. 21).

Ao transpormos essa ideia para a leitura da obra “O Pequeno Príncipe”, podemos concluir que, se não houver o estímulo à leitura desde criança, não haverá sonhos, tampouco vai haver autonomia suficiente para extrair as mensagens que os livros proporcionam ao leitor, redundando em adultos incapazes de expor seus próprios ideais. No livro “O Pequeno Príncipe”, o personagem “Príncipe” somente consegue extrair informações de suas descobertas, durante suas passagens pelos diferentes planetas, e contextualizá-las a partir daquilo que ele já possui de informações provenientes de suas vivências; por ter uma imaginação aguçada, transpõe esses saberes para suas reflexões sobre a nova realidade que se lhe apresenta em sua viagem.

### 3. Considerações finais

O trabalho visou compreender, a partir da obra “O Pequeno Príncipe”, a importância da leitura na vida do ser humano e as aproximações possíveis entre as personagens e as representações da infância e dos sujeitos na sala de aula.

Ao estudarmos Piaget, por exemplo, pudemos compreender de forma mais abrangente a inteligência infantil e seus respectivos estágios; os comportamentos e as atitudes que moldam as crianças em suas diferentes fases. Devemos sempre explorar o que há de melhor em uma criança e enaltecer suas capacidades de sonhar, para, desta forma, ajudar no desenvolvimento e em sua personalidade.

Com base nas referências utilizadas e no livro base, conclui-se que o adulto é o principal responsável pelo desenvolvimento da criança; responsável pelos estímulos necessários para a aquisição de hábitos, como o da leitura, e de saberes que acompanharão a criança pelo resto de sua vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Editora Cortez, 1997.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. **A literatura infantil: Visão Histórica e Crítica**. Editora Global, 1989.

INFANTE, Ulisses. **Leitura e escritas**. Editora Scipione, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Editora Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**, v. 4, n. 2, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Editora Objetiva LTDA, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Editora Nova Fronteira, 1984.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução de Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Editora Difel, Difusão Editorial S.A Editions Garnier Frères, 1979.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine De. **O pequeno príncipe**. Editora Melhoramentos, 2017.

VASCONCELLOS, C. S. **Desafio da qualidade da educação: gestão da sala de aula**. Disponível em: <<http://demogimirim.edunet.sp.gov.br/Grupo/Desafio.pdf>>. Acessado em 28/05/2018.